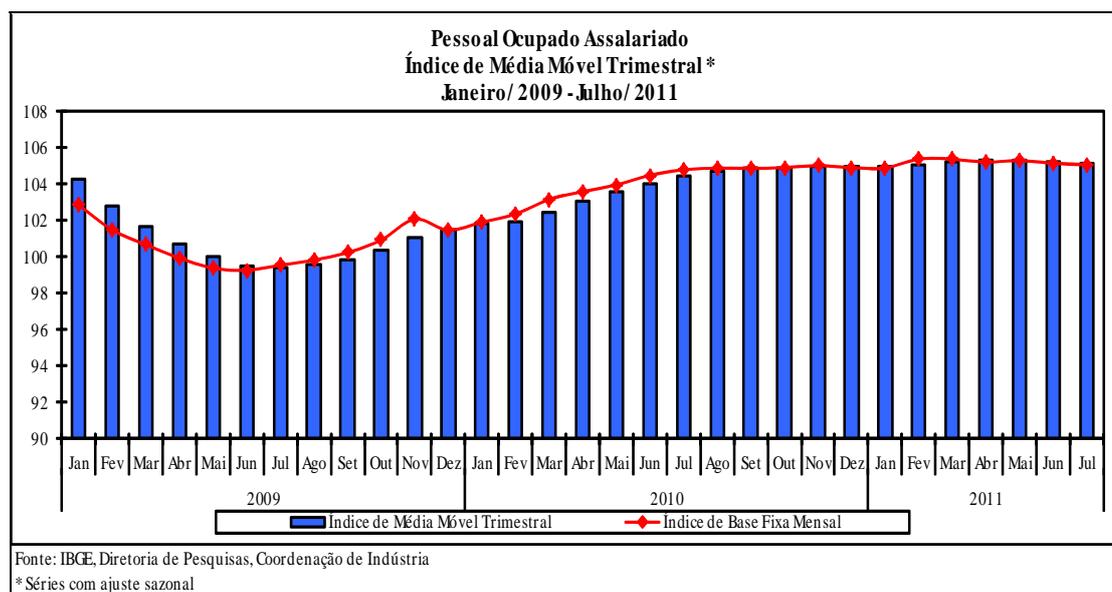


## COMENTÁRIOS

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

O emprego industrial apontou variação negativa de 0,1% em julho de 2011 frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após também mostrar taxa de -0,1% em junho. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral repetiu em julho o patamar do mês anterior, após ficar estável em maio e registrar ligeira variação negativa em junho (-0,1%).



Na comparação com julho de 2010, o emprego industrial apresentou acréscimo de 0,4%, décimo oitavo resultado positivo consecutivo nesse tipo de confronto, mas o menos intenso desde fevereiro do ano passado (0,8%). Com isso, o índice acumulado nos sete primeiros meses do ano avançou 1,7%, mas com ritmo ligeiramente abaixo do 1,9% observado até junho. A taxa anualizada, medida pelo índice acumulado nos últimos doze meses, ao apontar expansão de 2,7% em julho de 2011, prosseguiu com a redução na intensidade do crescimento iniciada em fevereiro último (3,9%).

Em relação a julho do ano passado, o emprego industrial mostrou acréscimo de 0,4%, com o contingente de trabalhadores registrando crescimento em nove dos quatorze locais pesquisados. As principais contribuições positivas sobre o resultado global vieram do Paraná (6,8%), região Norte e Centro-Oeste (2,8%), Minas Gerais (2,1%), Pernambuco (7,0%)

e Rio Grande do Sul (1,6%). Na indústria paranaense, as maiores influências positivas vieram dos setores de alimentos e bebidas (18,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônico e de comunicações (28,6%) e meios de transporte (14,7%). Na indústria da região Norte e Centro-Oeste sobressaíram os ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônico e de comunicações (40,0%), meios de transporte (12,1%) e produtos de metal (9,9%). No parque industrial mineiro, os segmentos que mais influenciaram o total do pessoal ocupado no estado foram meios de transportes (6,8%), metalurgia básica (7,4%), máquinas e equipamentos (10,4%) e alimentos e bebidas (3,1%). Na indústria de Pernambuco, os maiores avanços no emprego industrial foram assinalados por alimentos e bebidas (11,0%) e meios de transporte (59,2%), enquanto no setor industrial gaúcho, os impactos vindos de alimentos e bebidas (14,1%), produtos de metal (8,0%) e meios de transporte (5,9%) foram os mais relevantes. Por outro lado, São Paulo (-2,0%) apontou a principal influência negativa entre os locais investigados, pressionado em grande parte pela redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de papel e gráfica (-20,0%), de vestuário (-7,7%) e de produtos de metal (-4,7%).

Setorialmente, ainda no índice mensal, o emprego industrial avançou em onze dos dezoito ramos investigados, com destaque para alimentos e bebidas (3,5%), meios de transporte (6,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,3%), outros produtos da indústria de transformação (4,2%), metalurgia básica (4,1%) e máquinas e equipamentos (1,6%). Por outro lado, papel e gráfica (-9,6%), vestuário (-4,7%), calçados e couro (-6,3%) e madeira (-10,4%) exerceram os principais impactos negativos.

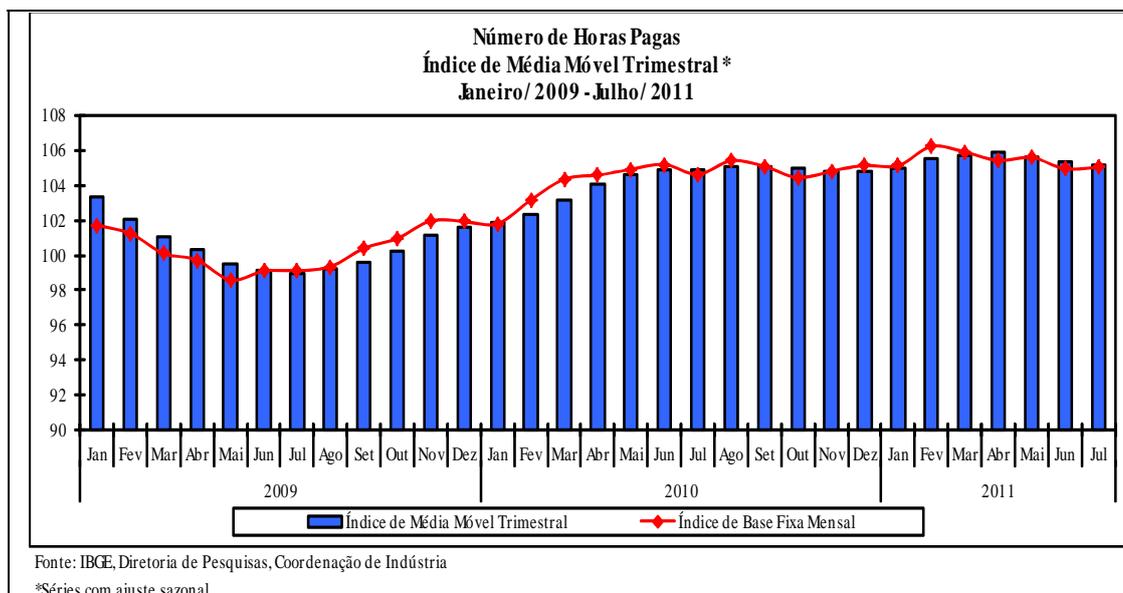
No índice acumulado nos sete primeiros meses de 2011, o nível do pessoal ocupado na indústria foi 1,7% maior do que em igual período do ano anterior, apoiado no crescimento de onze dos quatorze locais e de onze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, Paraná (5,1%), Minas Gerais (3,1%), região Nordeste (2,4%), região Norte e Centro-Oeste (3,3%) e Rio Grande do Sul (2,8%) exerceram as maiores pressões positivas sobre o total da indústria, enquanto São Paulo (-0,1%), Ceará (-1,0%) e Espírito Santo

(-0,3%) apontaram as taxas negativas no índice acumulado no ano. Setorialmente, as contribuições positivas mais relevantes vieram de meios de transporte (7,7%), alimentos e bebidas (2,6%), máquinas e equipamentos (4,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,3%), produtos de metal (5,0%), outros produtos da indústria de transformação (5,3%) e metalurgia básica (6,9%). Por outro lado, os ramos de papel e gráfica (-9,1%), de vestuário (-3,4%), de madeira (-8,1%) e de calçados e couro (-2,6%) responderam pelos principais impactos negativos.

Em síntese, o emprego industrial, em julho de 2011, mostrou a segunda taxa negativa consecutiva frente ao mês imediatamente anterior, refletindo sobretudo o menor dinamismo que marca a produção industrial desde o final do primeiro trimestre do ano. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor intensidade no mercado de trabalho da indústria, já que há vários meses esse indicador aponta estabilidade frente ao patamar do mês anterior. Nas comparações contra iguais períodos de 2010, os resultados do emprego industrial para os índices mensal (0,4%) e acumulado nos sete primeiros meses do ano (1,7%) prosseguiram positivos, mas com clara redução na intensidade do crescimento frente aos meses anteriores. Com isso, o índice acumulado nos últimos doze meses prosseguiu com a sua trajetória descendente iniciada em fevereiro último (3,9%), quando assinalou a taxa mais elevada desde o início da série histórica.

#### **NÚMERO DE HORAS PAGAS**

Em julho de 2011, descontados os efeitos sazonais, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria mostrou ligeira variação positiva (0,1%) frente ao mês imediatamente anterior, após recuar 0,6% em junho. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral assinalou variação negativa de 0,1% entre os trimestres encerrados em junho e julho, terceira queda consecutiva nesse tipo de indicador, período em que acumulou perda de 0,6%.



Nas comparações com iguais períodos do ano anterior, os resultados prosseguiram positivos: 0,3% no índice mensal de julho de 2011 e 1,4% no acumulado dos sete primeiros meses do ano. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, apontou expansão de 2,7% em julho de 2011 e manteve a trajetória decrescente iniciada em fevereiro de 2011 (4,5%).

O número de horas pagas mostrou variação positiva de 0,3% em julho de 2011 frente a igual mês do ano anterior, com taxas positivas em nove dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto sobre a média global foi assinalado pelo Paraná (4,4%), impulsionado em grande parte pelos setores de alimentos e bebidas (11,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (35,9%), meios de transporte (11,7%), outros produtos da indústria de transformação (11,3%) e produtos de metal (13,9%). Vale citar também as influências positivas observadas na região Norte e Centro-Oeste (2,4%), sustentada em grande parte pelos avanços em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (43,1%), produtos de metal (14,7%) e meios de transporte (11,2%); em Minas Gerais (2,0%), em razão principalmente de meios de transporte (9,4%), borracha e plástico (16,7%), metalurgia básica (6,0%) e alimentos e bebidas (2,8%); e em Pernambuco (8,6%), apoiado sobretudo no maior número de horas pagas nas indústrias de alimentos e bebidas (15,8%) e de meios de transporte (62,0%). Por outro lado, São Paulo (-1,6%) exerceu o impacto negativo mais importante no total

do número de horas pagas, pressionado em grande parte pelos resultados negativos vindos de papel e gráfica (-20,2%), produtos de metal (-6,5%) e vestuário (-7,8%).

Setorialmente, ainda no índice mensal, o número de horas pagas cresceu em nove dos dezoito ramos pesquisados, com os principais impactos positivos vindos de alimentos e bebidas (3,7%), meios de transporte (6,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,1%), outros produtos da indústria de transformação (4,5%) e máquinas e equipamentos (2,9%). Em sentido contrário, as atividades de papel e gráfica (-9,3%), de vestuário (-5,3%), de calçados e couro (-6,9%) e de madeira (-10,7%) exerceram as maiores pressões negativas no total do número de horas pagas.

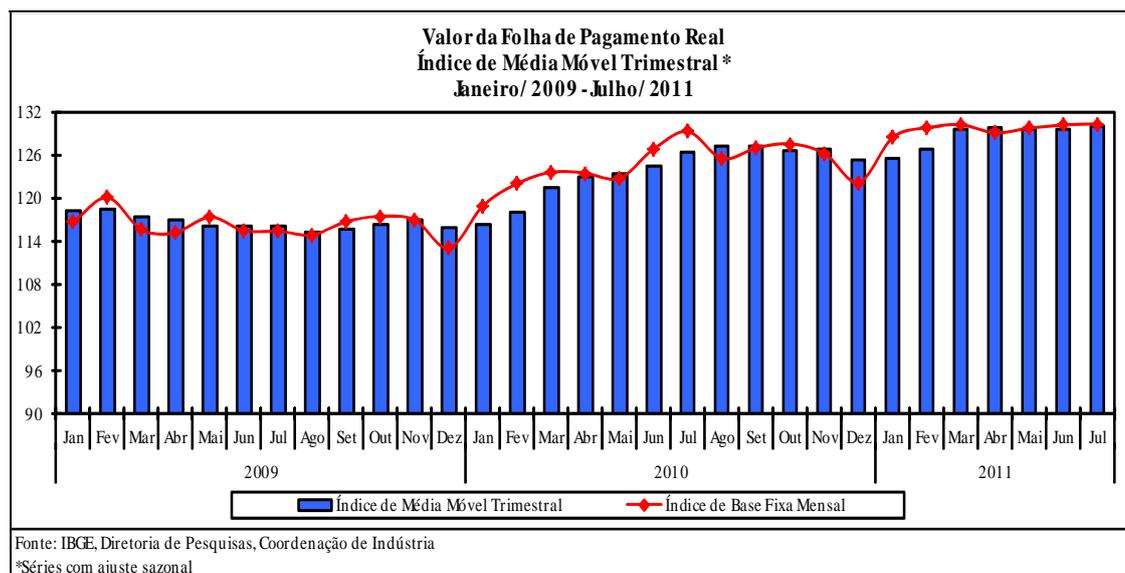
O índice acumulado nos sete primeiros meses do ano apontou expansão de 1,4%, com avanço no número de horas pagas em doze dos quatorze locais pesquisados. A principal influência sobre a média nacional foi observada na região Norte e Centro-Oeste (4,0%), vindo a seguir Minas Gerais (3,1%), Paraná (3,3%), região Nordeste (1,8%) e Rio Grande do Sul (2,1%). Nesses locais, os avanços mais relevantes foram assinalados, respectivamente, em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (36,3%), produtos de metal (31,2%) e meios de transporte (9,8%); meios de transporte (7,3%), e borracha e plástico (19,8%); alimentos e bebidas (6,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (29,8%) e produtos de metal (19,3%); alimentos e bebidas (2,5%) e minerais não metálicos (9,4%); e alimentos e bebidas (9,4%), máquinas e equipamentos (6,8%) e produtos de metal (8,0%). Por outro lado, São Paulo (-0,3%) e Ceará (-2,8%) apontaram os dois impactos negativos no total do número de horas pagas no acumulado dos sete primeiros meses do ano, pressionados pelas atividades de papel e gráfica (-20,0%) e vestuário (-11,8%), no primeiro local, e de calçados e couro (-12,2%) no segundo.

Em termos setoriais, ainda no índice acumulado no ano, onze ramos aumentaram o número de horas pagas no setor industrial, com meios de transporte (7,2%), alimentos e bebidas (2,2%), máquinas e aparelhos

eletroeletrônicos e de comunicações (6,9%), máquinas e equipamentos (5,0%), produtos de metal (4,4%) e metalurgia básica (5,8%) exibindo os principais impactos positivos sobre o total da indústria. Por outro lado, as maiores pressões negativas vieram de papel e gráfica (-9,9%), vestuário (-3,8%), calçados e couro (-4,0%) e madeira (-8,2%).

#### FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em julho de 2011, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente apontou ligeira variação positiva (0,1%) frente ao mês imediatamente anterior, após avançar 0,5% em maio e 0,3% em junho. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral mostrou acréscimo de 0,3% na passagem do trimestre encerrado em junho para julho, após dois meses seguidos de estabilidade (0,0%).



No confronto com iguais períodos do ano anterior, o valor da folha de pagamento real avançou 1,3% em julho de 2011, décima nona taxa positiva consecutiva, e 4,9% no índice acumulado dos sete primeiros meses do ano. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, cresceu 6,3% em julho de 2011 e registrou a menor expansão desde novembro de 2010 (5,7%).

No índice mensal, o valor da folha de pagamento real apontou crescimento de 1,3% em julho de 2011, com resultados positivos em dez dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição positiva sobre a

média da indústria foi observada em São Paulo (2,6%), explicada, sobretudo, pelos avanços assinalados pelos setores de meios de transporte (13,7%), máquinas e equipamentos (7,1%) e alimentos e bebidas (6,5%). Vale citar também as influências positivas vindas de Paraná (11,3%), impulsionado em grande parte pelo ramo de meios de transporte (42,6%) e, em menor magnitude, por alimentos e bebidas (9,6%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (36,9%); Minas Gerais (7,4%), em razão das pressões positivas vindas de meios de transporte (15,2%), metalurgia básica (9,2%), indústrias extrativas (12,8%) e máquinas e equipamentos (16,3%); e região Norte e Centro-Oeste (4,0%), apoiado nas expansões registradas por máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (30,2%) e produtos de metal (23,2%). Em sentido oposto, o impacto negativo mais relevante no total do valor da folha de pagamento real foi verificado no Rio de Janeiro (-14,6%), pressionado em grande parte pela queda de 42,7% da indústria extrativa e, em menor escala, pelo recuo de 48,6% no setor de refino de petróleo e produção de álcool, ambos influenciados pela elevada base de comparação, já que haviam crescido respectivamente 100,8% e 123,0% em julho de 2010, por conta do pagamento de participação nos lucros em importante empresa desses setores.

Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu em dez dos dezoito setores pesquisados, com destaque para as influências vindas de meios de transporte (15,5%), alimentos e bebidas (5,3%), máquinas e equipamentos (6,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,0%) e borracha e plástico (7,5%). Por outro lado, os impactos negativos mais relevantes no total do país foram assinalados por: indústria extrativa (-30,4%), refino de petróleo e produção de álcool (-23,0%) e papel e gráfica (-7,4%).

No índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou 4,9%, com perfil generalizado de crescimento, que atingiu todos (14) os locais investigados. A maior influência sobre o total do país permaneceu vindo de São Paulo (3,5%), sustentado em grande parte pelos resultados positivos vindos de meios de transporte (10,4%), máquinas e

equipamentos (8,8%), alimentos e bebidas (5,1%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,9%). Outras contribuições relevantes foram assinaladas por Minas Gerais (11,2%), Paraná (8,8%), região Norte e Centro-Oeste (5,7%), Rio Grande do Sul (4,9%) e região Nordeste (4,4%). Nestes locais, sobressaíram os avanços registrados nos setores de meios de transporte (21,0%), metalurgia básica (12,7%), indústria extrativa (15,9%) e máquinas e equipamentos (15,7%) na indústria mineira; meios de transporte (19,8%) e alimentos e bebidas (11,6%) no Paraná; máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (22,1%) e produtos de metal (30,0%) na região Norte e Centro-Oeste; máquinas e equipamentos (9,7%), meios de transporte (11,1%) e alimentos e bebidas (8,8%) na indústria gaúcha; e alimentos e bebidas (7,9%) e meios de transporte (25,1%) na região Nordeste.

Setorialmente, ainda no índice acumulado dos sete primeiros meses do ano, o valor da folha de pagamento real mostrou crescimento em onze dos dezoito ramos investigados, com destaque para os ganhos vindos de meios de transporte (12,2%), máquinas e equipamentos (9,4%), alimentos e bebidas (5,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,3%) e metalurgia básica (7,8%). Em sentido contrário, a atividade de papel e gráfica (-9,3%) exerceu a contribuição negativa mais significativa na média global da indústria.